

**NASCIDO ENTRE OS ASTROS:
UMA ANÁLISE DO RELEVO DO NASCIMENTO DE MITRA
DE HOUSESTEADS**

Ismael Wolf¹

Resumo: Este artigo realiza uma análise do relevo do nascimento de Mitra, encontrado no sítio arqueológico de Housesteads (*Vercovicium*), em 1822, mais especificamente fora do forte romano, no local onde havia um *mithraeum*, nas adjacências do que conhecemos como Muralha de Adriano. Após uma breve introdução ao tema e ao objeto, é realizada uma análise da obra visual, identificando os seus elementos e seus potenciais significados. Ao final, o artigo apresenta uma proposta do uso intencional de Ω pelo autor do relevo como um marcador temporal entre os diferentes símbolos identificados.

Palavras-chave: Nascimento de Mitra; Muralha de Adriano; Housesteads; Zodíaco; Ômega.

**BORN AMONG THE STARS:
AN ANALYSIS OF THE RELIEF DEPICTING THE BIRTH OF MITHRAS
FROM HOUSESTEADS**

Abstract: This article analyzes the relief of the birth of Mithras, found at the archaeological site of Housesteads (*Vercovicium*) in 1822, more specifically outside the Roman fort, on the site of a *mithraeum*, near what is currently known as Hadrian's Wall. After a brief introduction to the theme and the object, an analysis of the visual work is conducted, identifying its elements and their potential meanings. Finally, it presents a proposal for the intentional use of Ω by the author of the relief as a temporal marker between the different symbols identified.

Keywords: Birth of Mithras; Hadrian's Wall; Housesteads; Zodiac; Omega.

Introdução

Quando foram descobertos em Housesteads, em 1822, altares e fragmentos de relevos no espaço que, posteriormente, fora identificado como um *mithraeum*, esses achados provavelmente devem ter chamado bastante a atenção. Próximo aos altares dedicados para *Soli Invicto Mytræ Saeculari* (RIB 1599; RIB 1600)², os fragmentos foram identificados como partes de dois diferentes relevos, meios de expressão de crenças religiosas na cultura material (BIRD, 2011, p. 272). Um deles trazendo elementos da cena da já bem conhecida tauroctonia

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sob orientação da Profa. Dra. Claudia Beltrão e coorientação do Dr. Giorgio Ferri (Sapienza Università di Roma). Occasional Postgraduate Research Student na School of History, Classics and Archaeology da Newcastle University (Reino Unido), sob supervisão do Prof. Dr. Federico Santangelo.

E-mail: ismael.wolf@edu.unirio.br; wolf_ismael@yahoo.co.uk

O presente artigo foi produzido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) por meio da Bolsa do Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE). O artigo apresenta resultados preliminares de parte da pesquisa de doutorado.

² RIB: *Roman Inscriptions of Britain*.

Um dos altares foi dedicado por *Litorius Pacatianus, beneficiarius* do governador. O outro foi dedicado por *Publicius Proculinus*, um centurião, em nome dele e de seu filho *Proculus*, durante o consulado de *Gallus* e *Volusianus*.

mitraica (*CIMRM* 853; *CSIR* I.6.127)³ e o outro, sendo uma representação do que foi identificado como nascimento de Mitra,⁴ no qual a divindade aparecia acompanhada por diferentes elementos cósmicos (*CIMRM* 860; *CSIR* I.6.126; BOSANQUET, 1904; HODGSON, 1822; RUSHWORTH, 2009).



Figura 1: Relevo do Nascimento de Mitra de Housesteads, apesar da sua reconstrução inicial.

Fonte: Hodgson, J. *Observations on the Roman Station of Housesteads, and on some Mithraic Antiquities discovered there. Archaeologia Aeliana Series 1. Vol 1, 1822, p. 263.*

Ao longo desse artigo colocaremos o nosso foco de análise sobre o segundo relevo citado, ou seja, o que apresenta a cena com o nascimento de Mitra. Para nós, dentre outras coisas, chama a atenção o fato de Mitra ser representado entre diferentes elementos astrológicos, trazendo à superfície uma das diferentes faces do multifacetado mitraísmo, culto que se desenvolveu e se espalhou pelo território do Império Romano, ganhando certo prestígio entre alguns setores da sociedade, especialmente nos primeiros quatro séculos d.C.

³ *CIMRM: Corpus Inscriptionum et Monumentorum Religionis Mithriacae.*

CSIR: Corpus Signorum Imperii Romani.

⁴ Dimensões: Altura 1,12 m x Largura 0,78 m x Diâmetro 0,23 m.

Material: arenito amarelo local.

Em torno de Mitra, uma divindade com destacadas características persas, se havia estabelecido um culto de mistério. As evidências arqueológicas mais antigas apontam para um início desse culto em Roma e/ou na província da *Germania*. Não há consenso em torno do lugar exato do surgimento do culto, mas é bem provável que, ainda que possua certas raízes “orientais”, no sentido do que vem do território mais a oriente (ao leste) do Mar Mediterrâneo, sua estrutura tenha se estabelecido e se consolidado em uma parte mais “central” do território imperial. No entanto, esse culto rapidamente se espalhou por diferentes províncias do Império Romano, alcançando províncias mais longínquas, o que foi o caso da *Britannia* (CLAUSS, 2000). Há evidências do culto a Mitra em diferentes pontos dessa província. Foram identificados *mithraea* nos territórios atuais do sul, do centro e do norte da Inglaterra, no País de Gales e na Escócia. Provavelmente, o deus foi levado pelos soldados e comerciantes que se deslocavam entre as diferentes regiões, levando consigo suas cosmovisões e crenças religiosas (HENIG, 2005).

Entre os diferentes lugares citados, está o sítio arqueológico de Housesteads, local do antigo forte romano de *Vercovicium*, assim como do *vicus* que estava em suas adjacências. Foi fora do forte, em uma área conhecida, atualmente, como Chapel Hill, que, ainda no século XIX, foi identificado o *mithraeum* e foram encontrados os fragmentos do relevo do nascimento de Mitra. *Vercovicium* era um dos fortés que faziam parte da Muralha de Adriano, local onde tropas romanas guardavam o que, por muito tempo, entenderam ser o *limes* do território imperial (CROW, 2004). Nessa região fronteiriça, os militares romanos adoravam as divindades oficiais como as da Tríade Capitolina, mas, também divindades locais e outras trazidas dos seus locais de nascimento. Esse fluxo religioso permitiu que o mitraísmo chegassem e se estabelecessem no norte da *Britannia*, e as evidências da cultura material permitem que identifiquemos a preocupação dos mitraístas em estabelecerem locais de culto “duráveis”, ou seja, construções que poderiam abrigar por longo tempo a realização dos rituais. O *mithraeum* de *Vercovicium* permitiu que os mitraístas não apenas se encontrassem periodicamente para a realização de seus rituais, mas que tivessem um local para abrigar outros elementos importantes da cultura material de seu culto, como altares e relevos (ALLASON-JONES, 2004). Foi nesse contexto que os relevos e altares mitraicos foram produzidos em/para *Vercovicium*. Não para estarem expostos ao relento do clima muitas vezes inóspito do norte da *Britannia*, mas, para integrarem o ambiente fechado do *mithraeum*.

É bem provável que o *mithraeum* de *Vercovicium* tenha sido construído no período de governo dos Severos, talvez no primeiro quarto do século III. No entanto, registros arqueológicos permitem vislumbrar a possibilidade de o *mithraeum* ter estado em atividade

entre o final do século II e o início do século IV (WALSH, 2019, p. 100, 125). Um dos altares dedicados ao *Soli Invicto Mytræ Saeculari*, encontrado próximo ao relevo do nascimento de Mitra, foi datado do ano 252 d.C., por critério consular, o que indica que o *mithraeum* provavelmente estivesse em plena atividade nesse período, um indicativo de que os relevos encontrados tenham sido também produzidos em meados do século III (CIMRM 863; RIB 1600).

Dentro do contexto apresentado, o relevo do nascimento de Mitra de Housesteads, foco de nosso interesse nesse artigo, possui certas características marcantes e que trazem certa notoriedade para o objeto. Uma delas é o fato de Mitra ser apresentado como nascido de um ovo, algo incomum nas representações do nascimento dessa divindade, que normalmente é representada como nascendo de uma rocha (Cf. CIMRM 344, 985, 1127, 1687) ou, em menor número, de uma árvore (Cf. CIMRM 1083.1, 1247.10). Outro ponto notório é a presença dos signos do zodíaco na composição, o que não é necessariamente incomum (AMENDOLA, 2018). Aliás, é provável que essa seja a mais antiga representação dos signos do Zodíaco no território que, hoje, corresponde ao da Grã-Bretanha (ALLASON-JONES, 2004, p. 184). O relevo, logo após ter estado em posse da *Society of Antiquaries of Newcastle upon Tyne*, passou por dois processos de restauração, o que possibilita que os visitantes do *Great North Museum: Hancock*, local onde o objeto está exposto atualmente, possam vê-lo não mais fragmentado, como estava quando foi encontrado, mas como uma peça única (NEWMA 1822.41).⁵

Dito isso, nossa proposta nesse artigo é a de uma análise substancialmente sincrônica desse objeto religioso, identificando seus elementos iconográficos e contextualizando-os (PANOFSKY, 2009), de forma a buscarmos compreender o que os elementos presentes no relevo podem nos informar sobre o culto e o pensamento cosmológico entre os mitraistas de *Vercovicium*. O tema é de grande relevância, tendo em vista que alguns estudos recentes apontam cada vez mais para a importância do caráter astrológico do culto a Mitra (BECK, 2006; MARTIN, 2015; GORDON, 2017; MAGLI, 2019), ainda que esse tenha se desenvolvido com características distintas nos locais onde foi implementado.

⁵ Disponível em: <<https://collectionssearchtmuseums.org.uk/#details=ecatalogue.43>>. Acesso em 10 jul. 2024. Informações sobre o processo de restauração do objeto não estão disponíveis na webpage do GNM: Hancock. No entanto, um texto de David J. H. Smith, publicado no ano de 1962, em *Archaeologia Aeliana Series 4*. Vol. 40, p. 277-280, confere alguns detalhes sobre o segundo processo de restauração, iniciado em 1961, através de uma equipe supervisionada por ele. Esse segundo processo de restauração foi muito mais minucioso e completo do que o primeiro, o que pode ser observado na comparação entre as Figuras 1 e 2 desse artigo.

Análise do objeto

Estabelecido o objeto de nossa análise, podemos iniciá-la através de uma descrição simples e geral dos elementos: 1. figura masculina; 2. ovo; 3. adaga; 4. tocha; 5. semicírculo contendo os signos zodiacais. Tais elementos podem ser facilmente identificados na fotografia abaixo, ou seja, na Figura 2.



Figura 2: Relevo do nascimento de Mitra após os processos de restauração
Fotografia por Ismael Wolf. Em 17 mai. 2024.

Após esse reconhecimento inicial dos principais elementos que compõem o quadro imagético, façamos então uma análise de cada um deles e da maneira como estão dispostos. Antes, porém, convém que definamos nossa ordem de análise. Começaremos pelo miolo do relevo, ou seja, pelo centro. Essa parte apresenta Mitra emergindo, nascendo, ou melhor, rompendo a casca de um ovo. Em uma perspectiva visual vertical, podemos dizer que a figura

de Mitra ocupa cerca de 3/5 da verticalidade entre a base do relevo e a parte de cima do semicírculo zodiacal, enquanto as duas partes do ovo ocupam o restante, ou seja, 2/5 dela. Podemos observar a parte inferior do ovo funcionando como base, com o tronco do corpo de Mitra sobre a área inferior interna da casca de ovo. A outra parte dessa casca encontra-se sobre o topo da cabeça da divindade. Um observador atento irá perceber que a área onde a casca foi rompida obedece a uma lógica de encaixe entre as “metades” superior e inferior do ovo, o que nos passa uma ideia de possível encaixe entre as partes. Mas por qual motivo Mitra surge de um ovo? E por qual motivo isso teria sido estabelecido em *Vercovicium*? Bom, de forma geral aceita-se a ideia de que este seria um ovo oriundo do Orfismo, movimento filosófico e religioso surgido na Grécia Antiga. Em um dos poemas órficos, o *Hieroī Lógoi*, Cronos (tempo), cria um ovo de prata no éter do qual surge a divindade órfica, Fanes (WEST, 1983, p. 70, 82-84). Nesse sentido, Mitra estaria relacionado a Fanes, “aquele que ilumina” (CANCİK; SCHNEIDER, 2007, p. 914-915), como também nascido de um ovo. Essa relação entre mitraísmo e orfismo tem sido sugerida também como estando presente no relevo do chamado Aion-Fanes de Modena, Itália (CIMRM 695; TNMM 327),⁶ no qual se pode observar um jovem nu e em pé emergindo de um ovo, enrolado por uma serpente e tendo sobre seu peito uma cabeça de leão, segurando um longo cajado com a mão esquerda e um raio com a mão direita. É uma imagem muito rica em detalhes e que, dentre outras coisas, apresenta também os signos do Zodíaco em sua volta. Vale lembrar que Aion é uma divindade também representada com o Zodíaco ao seu redor, como no caso do mosaico romano de *Sentinum*,⁷ e através de seu nome em grego também pode ser relacionado à ideia de tempo como duração, geração, destino, eternidade e também como poder vital (MONTANARI, 2015, p. 61). Essa provável relação entre Mitra, Fanes e Aion, nos oferece pistas de que poderia haver conexões entre as concepções religiosas dos mitraístas de *Vercovicium* e ideias originalmente oriundas do mundo helênico, mas, que estavam sendo propagadas em outras partes do Império Romano (TURCAN, 2018, p. 222-223), como no caso das imagens citadas.

Voltando à nossa análise do relevo de Housesteads, de dentro do ovo vemos emergir o deus Mitra, uma figura masculina jovem. O tronco de Mitra é apresentado com a musculatura com aparente “definição”, inclusive separando o peitoral do abdome. Mitra está nu e o que cobre essa nudez abaixo da região abdominal é apenas a parte inferior da casca do ovo, evitando assim que a nudez completa da divindade esteja exposta, tendo em vista que ele está emergindo do ovo sem qualquer vestimenta. Como já dissemos anteriormente, a parte superior da casca do

⁶ Disponível em: <<https://www.mithraeum.eu/monument/327>>. Acesso em 10 jul. 2024.

⁷ Disponível em: <<https://weblimc.org/page/monument/2080044>>. Acesso em 10 jul. 2024.

ovo está cobrindo o topo da cabeça de Mitra. No entanto, a maior parte de sua cabeça está exposta. Seu cabelo é encaracolado e é possível vê-lo, dividido ao meio, desde a área que fica logo acima da testa, descendo pelos dois lados da face e alcançando seus ombros.

A face de Mitra foi parcialmente restaurada. A região do nariz, da boca e do queixo foram reconstruídos, possivelmente buscando encontrar uma harmonia com o restante da cabeça e mais especificamente da face. De lábios finos, mas bem-marcados em uma boca fechada e com um nariz levemente pontudo. Essa reconstrução da parte inferior da face se junta aos olhos abertos e à região das sobrancelhas levemente inclinadas, conferindo ao “jovem” Mitra um olhar um tanto sisudo em uma expressão facial com tom de seriedade.

Ainda analisando o miolo do relevo, identificamos Mitra com os braços erguidos a ponto de suas mãos estarem alinhadas na mesma altura do topo de sua cabeça. Os braços de Mitra foram reconstruídos a partir do restante da imagem, tendo em vista que essa parte do relevo não foi encontrada. A reconstrução obedeceu a uma lógica de proporcionalidade, na qual os braços estão postos no sentido horizontal e os antebraços no sentido vertical. A musculatura dos braços foi reconstruída enfatizando os bíceps contraídos pela postura corporal gerada pelo ato de segurar dois objetos para cima e com as mãos fechadas, na qual os braços estão dispostos horizontalmente e os antebraços verticalmente, através de cotovelos parcialmente dobrados. Os punhos e os dedos cerrados ao segurar os objetos estão visíveis. As mãos de Mitra estão exatamente nos limites do semicírculo zodiacal e ambos os elementos adentram essa outra área do relevo, como que rompendo essa área limítrofe. Em sua mão direita Mitra segura uma adaga, já em sua mão esquerda ele segura uma tocha. Ambos os objetos estão apontados para cima, como se a divindade os estivesse mostrando. A centralidade e a frontalidade de Mitra no relevo estão evidentes. A divindade não ocupa apenas a área central do relevo, mas está com todo o seu corpo visível posicionado para frente, desde o abdome até a cabeça.

Assim, a organização espacial da imagem do nascimento de Mitra, idealizada pelos mitraistas de *Vercovicium*, obedece a uma lógica bastante clara. O deus Mitra ocupa o centro da obra visual. A opção de ter Mitra ao centro, certamente reflete a sua importância tanto na construção desse objeto específico, quanto nos rituais que eram praticados naquele *mithraeum*. E a divindade não apenas ocupa um local central, mas, também é apresentada em grandes proporções, o que denota a percepção de sua grandeza. Se tivesse sido esculpido em corpo inteiro, Mitra seria maior do que o semicírculo zodiacal que o envolve. Sua proporção e posição dão-lhe o destaque devido. As duas partes do ovo, de onde a divindade nasce, também podem ser consideradas como grandes, quando comparadas com as representações dos signos do zodíaco que estão ao redor. Ainda pensando na figura central, lembramos que Mitra não está

de mãos vazias; a divindade esculpida tem em sua mão direita a adaga e em sua mão esquerda a tocha, instrumentos que são apresentados como que rompendo ou invadindo o semicírculo zodiacal. Ambos os objetos empunhados por Mitra têm dimensões semelhantes às dos signos do Zodíaco.

O semicírculo zodiacal que é alcançado pelas ferramentas de Mitra faz lembrar muito o formato de uma “ferradura”. Enquanto a margem interna forma uma circularidade completa, a externa em suas extremidades inferiores apresenta duas aberturas laterais, fazendo com que o semicírculo zodiacal seja apresentado nos moldes que fazem lembrar o ômega, a última letra do alfabeto grego (Ω), encerrado sobre a base que sustenta a imagem.

Pois bem, dentro do semicírculo zodiacal, representação do cosmos (ALLASON-JONES, 2004, p. 184), estão presentes os doze signos do Zodíaco, na seguinte ordem, da extremidade inferior direita até a extremidade inferior esquerda, levando em consideração a orientação de Mitra: Aquário, Peixes, Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário e Capricórnio. Os seis primeiros distribuídos ao lado direito da divindade central e os outros seis distribuídos ao seu lado esquerdo.

Concentremo-nos primeiramente na descrição das representações dos signos que estão dispostos ao lado direito da divindade. Aquário está representado como possuindo uma nadadeira caudal no lugar dos membros inferiores do seu corpo. A parte superior de seu corpo é humana e ele parece segurar um jarro de água sobre seus ombros, enquanto se reclina para a direção central da imagem.⁸ Um pouco mais acima, vemos o signo de Peixes sendo retratado tradicionalmente na figura de dois peixes e que parecem nadar em um movimento para baixo e levemente para o centro. Áries, na figura do carneiro, também está disposto lateralmente e voltado para o centro, assim como Touro, que em sua figura bovina também acompanha a mesma orientação. O signo de Gêmeos aparece logo acima, representado através do tradicional símbolo das duas figuras humanas irmãs. Parecem estar orientados para frente, diferentemente dos signos descritos anteriormente, mas, o desgaste de suas cabeças não nos permite identificar para onde podem estar olhando. No topo do lado direito de Mitra, há uma “reconstrução” do signo de Câncer representado por um caranguejo, seguindo a lógica de representação mais próxima da tradicional. No topo do lado direito de Mitra, podemos observar a representação do signo de Leão, que disposto lateralmente parece correr orientado para o sentido externo do semicírculo zodiacal. Um pouco mais abaixo está o signo de Virgem representado em sua figura feminina, também apresentado de forma aparentemente frontal. Posteriormente, temos o signo

⁸ Daniels (1960, p. 44) sugeriu que Aquário foi retratado em atitude psicopompica, como um Tritão tocando uma trompa e carregando um jarro.

de Libra. Como temos apenas a base de uma figura humana, a restauração da parte superior imaginou-o como uma figura masculina segurando a tradicional balança que costuma representá-lo. Logo abaixo, podemos observar o signo de Escorpião, voltado para o centro e apresentado na característica figura do animal invertebrado que lhe dá nome. Sagitário aparece como penúltimo signo da sequência, representado através da figura do arqueiro que aponta seu arco e sua flecha para o lado externo do semicírculo zodiacal. Por último, fechando o grupo dos seis signos que estão ao lado esquerdo de Mitra, temos Capricórnio. Ele também está aparece de perfil e orientado para o centro do objeto. Representado em sua parte superior como a tradicional cabra e em sua parte inferior como possuindo uma nadadeira caudal. Essa observação, deixa claro que tanto Aquário quanto Capricórnio foram representados como que tendo relação com a água. Tal elemento parece ter tido bastante importância para os mitraistas da região da Muralha de Adriano, especialmente na escolha dos locais dos *mithraea*, normalmente construídos sobre fontes de águas ou próximos delas (WALSH, 2019).

Pois bem, apresentada a organização geral dos signos do zodíaco, passemos para outra divisão espacial que está apresentada na disposição deles. Nesse caso, uma organização tripartite, ou seja, em três blocos de signos. Nesse caso, percebemos que esses blocos estão recortados pela presença da adaga e da tocha de Mitra no centro do semicírculo zodiacal. À direita de Mitra estão (de baixo para cima) os signos de Aquário, Peixes, Áries, Touro e Gêmeos. Centralizados, entre a adaga e a tocha, temos as posições de Câncer e Leão. E à esquerda de Mitra estão (de cima para baixo) os signos de Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário e Capricórnio. Podemos observar bem esse recorte tripartite na figura abaixo:

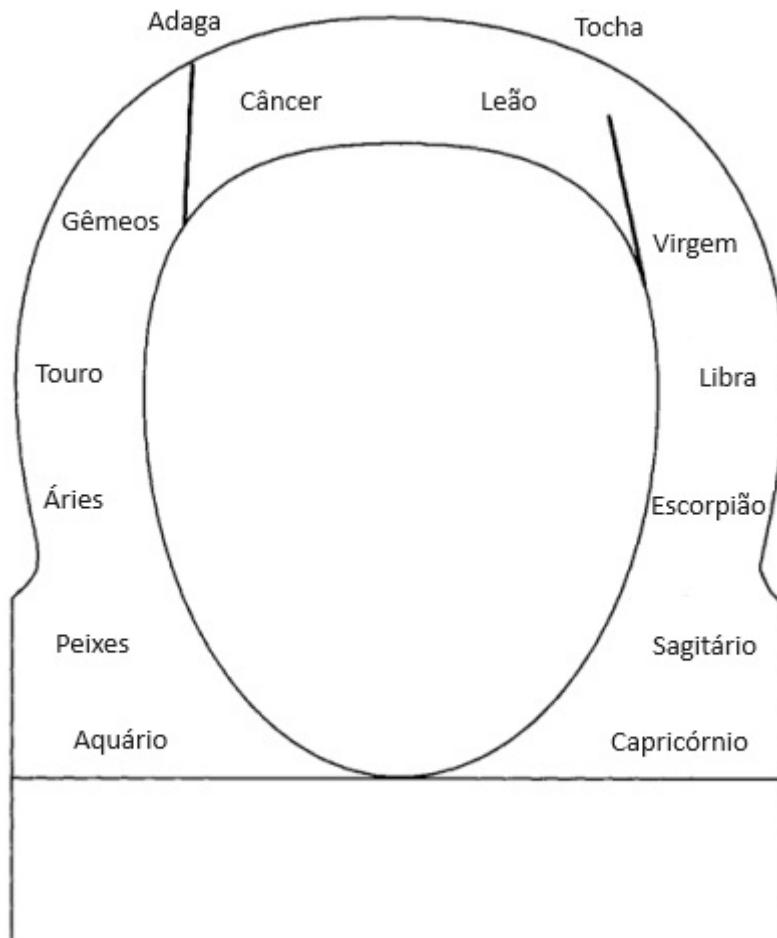


Figura 3 – Housesteads: esquema da cena de nascimento mitraica.

Adaptado de Beck, 1988, p. 36.

Obviamente que para nós, observadores do século XXI, esse esquema pode ter diferentes significados. No entanto, precisamos buscar/identificar as possíveis motivações e/ou interpretações que o envolviam quando foi produzido e enquanto esteve em uso, ou seja, ao longo do século III e, talvez, início do século IV. Uma das coisas que precisamos ter em mente quando estudamos o culto a Mitra é o fato de que os mitraistas não nos deixaram nenhuma obra literária, ou seja, não há um “manual doutrinário” mitraico disponível. O que temos são esparsas fontes literárias produzidas na maioria por *outsiders*. Assim, as principais fontes que temos são oriundas da cultura material: relevos, altares, inscrições etc. (CLAUSS, 2000). Devido à abundância de fontes da cultura material e à “ausência” de fontes literárias claramente mitraicas, muitos modelos têm sido construídos como forma de tentarem explicar o pensamento dos mitraistas. O modelo explicativo elaborado por Roger Beck parece ter se tornado predominante ao longo dos últimos anos e muitos historiadores e arqueólogos têm aderido a ele (BARTON, 1995; HIJMANS, 2009; WALSH, 2019). A hipótese de Beck propõe que o mitraismo adotou

uma “linguagem estelar” (*star-talk*) em seu culto, o que pode ser observado através da análise da cultura material (BECK, 2006). Segundo ele, os mitraistas teriam feito uso de esquemas astrológicos para relacionar os planetas e os signos do zodíaco, utilizando um sistema de “casas planetárias”, de “exaltações” e “depressões” ou “humilhações” (BECK, 1988). Nesse sistema, cada planeta é visto como regendo dois signos, e os luminares Sol e Lua regem um signo cada. Todo planeta teria em um dos seus dois signos um ponto de “exaltação” (benéfico) e no outro um ponto de “depressão” ou “humilhação” (maléfico) (BARTON, 1995). Essa hipótese comprehende as imagens mitraicas como um sistema codificado.⁹ Dessa forma, há um entendimento de que o relevo do nascimento de Mitra de Housesteads teria seguido a essa lógica, insinuando planetas através dos signos, ou seja, cada signo estaria contendo ou representando um planeta (BECK, 1988, p. 35). Partindo dessa interpretação, a leitura desse modelo de códigos ficaria da seguinte forma:

Câncer (Lua)	Leão (Sol)
Gêmeos (Mercúrio)	Virgem (Mercúrio)
Touro (Vênus)	Libra (Vênus)
Áries (Marte)	Escorpião (Marte)
Peixes (Júpiter)	Sagitário (Júpiter)
Aquário (Saturno)	Capricórnio (Saturno)

Tabela 1: Esquema do nascimento de Mitra de Housesteads decodificado, de acordo com o sistema de casas planetárias proposto por Roger Beck.

Segundo Barton, “esta é precisamente a disposição das casas planetárias, com as casas da Lua e do Sol no topo, e as casas noturnas e diurnas dispostas embaixo de acordo.” (BARTON, 1995, p. 200). Assim, podemos observar que há uma lógica na construção desse sistema codificado de casas. Enquanto do lado da Lua temos as casas noturnas, no lado do Sol temos as casas diurnas. O lado noturno separado pela adaga na mão direita de Mitra e o lado diurno iluminado pela tocha em sua mão esquerda. Essa disposição dos signos/planetas no relevo nos permite termos a compreensão de que os mitraistas de *Vercovicium* estavam pensando os elementos de seu culto conforme esse antigo sistema de casas. Esse cenário apresentava para aqueles mitraistas as sete esferas concêntricas, os corpos celestes considerados divinos, com movimentos significativos e com potencial para influenciar os acontecimentos que na Terra, concepção bastante partilhada no mundo romano (HIJMANS, 2009, p. 168-169).

⁹ Para uma maior compreensão do sistema de casas planetárias na Antiguidade, conferir Beck, 2007.

Tudo isso poderia ser apreendido e experienciado dentro do *mithraeum*, o que provavelmente seria estimulado nos momentos de rituais (BECK, 2006; HIJMANS, 2009, p. 168). Assim como na cena da tauroctonia, a “linguagem estelar” do relevo de nascimento de Mitra estaria transmitindo a mensagem do triunfo do Sol sobre a Lua, em um mês especial, quando o Sol está em Leão (HIJMANS, 2009, p. 181-183). Essa linguagem transmitiria não apenas o triunfo da luz sobre as trevas, através da figura de Mitra, mas, apresentaria também um *background* para os rituais e para o que tem sido chamado de “jornada da alma”, crença bastante difundida e com diferenças doutrinárias entre as diferentes escolas de pensamento da Antiguidade (DILLON, 1980; CULIANU, 1983; DECONICK, 2013). Entre os neoplatonistas como, por exemplo, Plotino e Porfírio, os planetas eram vistos como níveis pelos quais a alma teria que atravessar, partindo do Uno, passando pelos planetas e, finalmente, retornando ao Uno, em uma jornada de descida, de ascensão, purificação e salvação (TORCHIA, 1993; JOHNSON, 2013, p. 102-145). No mitraísmo, os iniciados seriam introduzidos no mistério da descida e do retorno da alma (BECK, 2006), uma jornada que ocorreria ao longo da vida (BARTON, p. 199-200). Segundo Porfírio, esse movimento de descida e saída das almas, entre os mitraístas, ocorreria através dos rituais dentro da caverna, ou seja, do *mithraeum*, portador da imagem de cosmo, do qual Mitra seria o demiurgo (Porph. *De antr. nymph.* 6). O relato de Porfírio, embora seja o de um *outsider* dos séculos III e IV, pode nos apresentar boas pistas sobre a estrutura do pensamento religioso mitraico e não deve ser descartado.

Pensando em termos de organização do relevo e através de sua estrutura, podemos observar que adaga de Mitra está posicionada, segundo os padrões do hemisfério norte, junto ao solstício de verão, momento no qual o sol está próximo do Trópico de Câncer. Podemos conjecturar que a vitória de Mitra sobre o Touro, sacrificando-o com a sua adaga, como na cena da tauroctonia, é manifestada plenamente no momento em que as luz solar atinge o seu clímax em termos de duração, em contraposição ao momento do solstício de inverno, quando o Sol encontra-se próximo ao Trópico de Capricórnio, signo que se encontra representado na base de nosso relevo, ao lado esquerdo de Mitra. Nessa conjuntura, é possível também vislumbrarmos a possibilidade de que as áreas de solstícios de verão e de inverno pudesse representar os pontos de descida e ascensão das almas em sua jornada, no qual as almas estariam realizando suas jornadas acompanhadas de Mitra. Chama a atenção o fato de que a base da casca do ovo está alinhada ao solstício de inverno no hemisfério norte. Talvez, isso não seja algo meramente ocasional. Pode ter sido pensando como momento do nascimento de Mitra, aqui relacionado ao Sol, no qual ele, por fim, manifestará seu esplendor no solstício de verão. Devemos lembrar também que a mão esquerda de Mitra carrega uma tocha, posicionada entre os signos de Leão

e Virgem, estabelecidos ainda em um contexto de verão, no qual os dias são mais longos, mas, já apresentando um breve “declínio” em termos de duração. A tocha, parece não apenas mostrar a ligação de Mitra com a luz, mas, consequentemente poderia servir como uma metáfora de que com Mitra a jornada da alma seria realizada de forma “iluminada”. Em uma conjuntura de uma caverna (*mithraeum*) escura isso poderia transmitir uma mensagem poderosa. O próprio relevo nos fornece indícios de que fora produzido para receber iluminação vindo de sua parte traseira, em um *design* de iluminação que parece ter sido utilizado também em outros objetos mitraicos (HUNTER et al., 2016; COOMBE; HENIG, 2020). Nesse caso, Mitra seria observado pelos iniciados em um ambiente originalmente escuro, mas que seria iluminado através da divindade, produzindo uma experiência única para cada um dos participantes dos rituais, dependendo de seu grau, o momento no qual estivesse passando na vida etc., oportunizando diferentes manifestações de “religião vivida” (RÜPKE, 2016, p. 1-25) entre os mitraistas envolvidos.

Outra doutrina levantada por Porfírio, a de que Mitra estaria “assentado entre os equinócios” (Porph. *De antr. nymph.* 24), parece também trazer um tom de estabilidade manifestada pela divindade, tendo em vista que a observação de que dia e noite estariam com períodos de tempo similares poderia trazer uma ideia forte de equilíbrio.

Queremos levantar ainda uma hipótese referente à estrutura do semicírculo zodiacal. Como dito em estudos anteriores, ele pode ser definido como apresentando um formato de “ferradura” (BECK, 1988; BECK, 2006). Nossa proposta é a de que na verdade ele foi construído em forma de ômega (Ω), a vigésima-quarta e última letra do alfabeto grego (MONTANARI, 2015, p. 2414). Ainda de forma bastante embrionária, queremos propor uma breve reflexão em torno da possibilidade desse semicírculo zodiacal ter sido pensando de fato como um Ω . Para isso levantamos dois possíveis motivos para que o uso desse símbolo tenha sido utilizado intencionalmente na construção desse relevo.

Nossa primeira conjectura dá-se em torno de um já possível uso de Ω como um glifo zodiacal para a representação de Libra no século III d.C. Embora não tenhamos encontrado o ômega diretamente na cultura material em representações de zodíacos da Antiguidade, seu uso pode ser especulado já no *Almagestum* de Ptolomeu, uma obra do século II a.C. Como ocorre com boa parte das obras da Antiguidade, o autógrafo se perdeu e contamos apenas com cópias medievais dessa obra. O manuscrito datado de 1515 apresenta o uso de Ω como possível glifo para Libra. Seria o glifo já utilizado por Ptolomeu, no século II a.C., para se referir à Libra, ou a aparição no manuscrito teria sido uma inserção posterior dos copistas medievais a partir das informações contidas nos documentos da Antiguidade? Talvez o seu uso intencional no relevo

possa ter alguma relação com a crença de que Mitra estaria assentado sobre os equinócios. No entanto, uma investigação mais aprofundada sobre isso ainda se faz necessária.

A nossa segunda conjectura para um possível uso intencional de Ω no relevo diz respeito às dimensões temporais que envolvem a imagem. Como observamos anteriormente, temos a figura do Sol e da Lua decodificados, assim como as outras esferas celestes, os doze signos do zodíaco e o nascimento de Mitra possivelmente relacionado ao nascimento anual do Sol. O Sol e a Lua, assim como as demais esferas celestes concêntricas, seriam vistos como representações de figuras divinas e eternas segundo os princípios da cosmologia romana (HIJMANS, 2009, p. 168-169). Os doze signos do Zodíaco seriam observados como marcadores de períodos anuais, estacionais e cíclicos, assim como a figura do nascimento de Mitra e a sua possível relação com o Sol. Assim, ano após ano havia um renascer do Sol e consequentemente de Mitra. Devemos nos lembrar que alguns dos altares encontrados no *mithraeum* de Housesteads (*Vercovicium*) contém inscrições que fazem referências a *Soli Invicto Mytræ Saeculari*, uma prova de que o pensamento religioso daqueles mitraistas havia associado Mitra ao Sol Invicto. Chama também a atenção o fato de *Soli Invicto Mytræ* ainda carregar o epíteto de *Saeculari*, ou seja, Senhor das Eras. A dimensão temporal do Mitra de *Vercovicium* parece irrefutável diante de tantas evidências, quer sejam de um tempo eterno e mítico ou cíclico e observável. Partindo dessas informações, compreendemos que um uso intencional de Ω na imagem possa ter alguma relação com essas temporalidades. Como bem sabemos, o Ω era a última letra do alfabeto grego, o que poderia simbolizar o fim, o desfecho e o derradeiro. O uso de Ω para esses fins pode ser atestado na literatura religiosa do mundo greco-romano através do livro de *Apocalipse* (1.8,11; 21.6-7; 22.13). O uso em questão pode ter sido um indicativo da eternidade da divindade (BAUCKHAM, 2003, p. 25-30), como um marcador de que ela estaria/presente em todas as etapas temporais históricas e/ou míticas. Assim, Mitra estaria sendo representado em seu “nascimento”, ou seja, desde o princípio já junto ao cosmo, mas, além disso, como uma figura presente também no “fim das coisas”. Em nossa concepção, essa é uma hipótese plausível, tendo em vista que dispomos de vestígios para sustentá-la.

Outros dois pontos podem indicar possíveis conexões com ideias oriundas de outros lugares do mundo romano. Do mundo helênnico, como já dissemos anteriormente, há a presença do ovo cósmico, um provável elemento que indica influência órfica (BRICAULT; ROY, 2021, p. 506). Já a grafia do nome da divindade escrita com a letra Y (*Mytræ*) em *Vercovicium*, letra grega não presente no alfabeto latino tradicional (ROGERS, 2005, p. 174), pode sugerir uma adaptação por parte dos seus participantes de forma a torná-lo mais familiar para alguns praticantes. Embora a mesma grafia possa ser encontrada também no *mithraeum* de

Königshofen (*CIMRM* 1367), isso não descarta a hipótese de um fenômeno de helenização do nome, mas aponta para uma possível difusão dela juntamente com outros elementos como, por exemplo, as ideias órficas. Dessa forma, um uso intencional de Ω na construção do relevo analisado parece uma hipótese bastante plausível. Uma pesquisa mais detalhada sobre isso certamente poderá avaliar com mais segurança se essa hipótese interpretativa poderá continuar sendo defendida ou se deverá ser abandonada.

Considerações finais

Como pudemos observar ao longo do artigo, o relevo do nascimento de Mitra de Housesteads foi construído e utilizado no mesmo contexto em que foram utilizados os altares para *Soli Invicto Mytræ Saeculari*. Nesse sentido, nossa análise foi realizada de forma vinculada ao contexto do *mithraeum*. Desta forma, embora não haja nenhuma inscrição na imagem, nossa compreensão foi a de que ela seria a representação iconográfica da divindade cultuada no *mithraeum* de *Vercovicium*. Foi constatado que a construção da obra visual parece apresentar conexões e relações com outras divindades como Fanes e Aion, tendo em vista que essas divindades foram representadas de formas parecidas em outras regiões do Império Romano, trazendo consigo a imagem do ovo cósmico e do Zodíaco, presentes no relevo do nascimento de Mitra de Housesteads. O sistema de casas planetárias, sob a Lua e sob o Sol, também foi observado na análise espacial dos signos do Zodíaco, levando em consideração o modelo codificado de “linguagem estelar” proposto por Roger Beck, indicando um possível uso litúrgico para o compartilhar da concepção mitraica da doutrina da “jornada das almas” através das esferas concêntricas. Mitra, assentado sobre os equinócios, seria o condutor desta jornada realizada pelos mitraistas. Por fim, apresentamos uma nova proposta interpretativa para o semicírculo zodiacal, identificando-o a letra grega Ω. Foram apontados dois caminhos interpretativos para sustentar essa hipótese. O primeiro como uma possível representação de Libra e o segundo uma representação iconográfica da metáfora de Mitra como estando não apenas nos primórdios do cosmo, mas, também como parte dos momentos derradeiros e de desfecho, em um tempo que pode ser tanto histórico quanto mítico, dependendo de sua aplicação. O uso intencional de Ω pelos mitraistas poderia ser mais um indicador de conexões com ideias de matrizes helênicas como, por exemplo, o orfismo e o uso da grafia do nome de *Mytræ* com a letra Y. Por fim, entendemos ser esta uma hipótese digna de maior atenção e que deve ser testada de forma mais aprofundada em futuras pesquisas.

Referências Bibliográficas

Documentação

- BOSANQUET, R.C. Excavations on the line of the Roman Wall in Northumberland - Roman Camp at Housesteads. *Archaeologia Aeliana Series 2*. Vol. 25, Society of Antiquaries of Newcastle, 1904, p. 193-300.
- COLLINGWOOD, R.G.; WRIGHT, R.P. *The Roman Inscriptions of Britain*, vol. I, Inscriptions on Stone. Oxford: Clarendon Press, 1965.
- COULSTON, J.C.N.; PHILLIPS, E.J. *Corpus Signorum Imperii Romani, Great Britain I, 6, Hadrian's Wall West of the River North Tyne, and Carlisle*. Oxford: British Academy/Oxford University Press, 1988.
- HODGSON, J. Observations on the Roman Station of Housesteads, and on some Mithraic Antiquities discovered there. *Archaeologia Aeliana 1st Series*, Vol. 1, 1822, p. 263-320.
- PORFÍRIO DE TIRO. *O antro das ninfas* [recurso eletrônico] / Porfírio de Tiro; Introdução, tradução e notas: Juvino A. Maia Jr. – Dados eletrônicos - João Pessoa: Ideia, 2022.
- PTOLOMEI. *Almagestum*. Venetiae, 1515. Deutches Museum, München. Disponível em: <<https://archive.org/details/almagestumcl.ptolemeideutschesmuseum>>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- RUSHWORTH, A. *Housesteads Roman Fort: the grandest station. (Volume 1: Structural Report and Discussion)*. English Heritage, Archaeological Reports, 2009.
- SMITH, D.J. The restoration of the "Birth of Mithras" from Housesteads. *Archaeologia Aeliana Series 4*. Vol. 40, 1962, p. 277-280.
- THE NEW MITHRAEUM DATABASE. *Monuments, inscriptions and artefacts related to Mithras and his cult*. Acesso em: <<https://www.mithraeum.eu/quaere.php?sec=monument>>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- TYNE & WEAR ARCHIVES & MUSEUMS. Great North Museum: Hancock. Acesso em: <<https://collectionssearchtwmuseums.org.uk/>>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- VERMASEREN, M. J. *Corpus Inscriptionum et Monumentorum Religionis Mithriacae*. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1956 (v. 1), 1960 (v. 2).

Obras de apoio

- ALLASON-JONES, L. Mithras on Hadrian's Wall. In: MARTENS, M.; DE BOE, G. (Eds.) *Roman Mithraism: The Evidence of the Small Finds*. Brussels: Tienen, 2004, p. 183-189.
- AMENDOLA, L. Mithras and the Zodiac. *Journal of Ancient History and Archaeology*, Cluj-Napoca, v. 5, n. 1, p. 24-39, 2018.
- BARTON, T. *Ancient astrology*. London and New York: Routledge, 1995.
- BAUCKHAM, R. *The theology of the Book of Revelation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BECK, R. *A brief history of ancient astrology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.
- BECK, R. Planets and zodiac: the Housesteads birth scene. In: BECK, R. *Planetary gods and planetary orders in the mysteries of Mithras*. Leiden: Brill, 1988, p. 34-42.
- BECK, R. *The Religion of the Mithras Cult in the Roman Empire: Mysteries of the Unconquered Sun*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- BIRD, J. Religion. In: ALLASON-JONES, L. (Ed.) *Artefacts in Roman Britain: their purpose and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 269-292.

DOSSIÊ COSMOLOGIAS ANTIGAS

- BRICAULT, L.; ROY, P. *Les cultes de Mithra dans l'Empire romain: 550 documents présentés traduits et commentés*. Toulouse: Presses universitaires du Midi, 2021.
- CANCIK, H.; SCHNEIDER, H. (Eds.) *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World*: New Pauly. Antiquity, Vol. 10, OBL-PHE. Leiden; Boston: Brill, 2007.
- CLAUSS, M. *The Roman Cult of Mithras: The god and his mysteries*. New York: Routledge, 2000.
- COOMBE, P.; HENIG, M. The Inveresk Mithraic altars in context. In: EGRI, M.; MCCARTY, M. (Ed.). *The archaeology of Mithraism: new finds and approaches to Mithras-worship*. Leuven: Peeters Publishers, 2020, p. 23-34.
- CROW, J. *Hausesteads: A Fort and Garrison on Hadrian's Wall*. London: Tempus, 2004.
- CULIANU, I.P. The Passage of the Soul through the Spheres. In: CULIANU, I.P. *Psychanodia I: A Survey of the Evidence Concerning the Ascension of the Soul and its Relevance*. Brill, 1983, p. 48-54.
- DANIELS, C.M. *Mithraism in Roman Britain: a corpus of the material*. 1960. 321 f. Dissertation (Master of Arts) – King's College, University of Durham, Newcastle Upon Tyne, 1960.
- DECONICK, A. D. The road for the soul is through the planets: The mysteries of the Ophians mapped. In: DECONICK, A. D.; SHAW, G.; TURNER, J.D. (Eds.) *Practicing gnosis: Ritual, Magic, Theurgy and Liturgy in Nag Hammadi, Manichaean and Other Ancient Literature. Essays in Honor of Birger A. Pearson*. Leiden: Brill, 2013, p. 37-74.
- DILLON, J. The descent of the soul in Middle Platonic and Gnostic theory. In: LAYTON, B. (Ed.) *The Rediscovery of Gnosticism (2 vols.)*: Proceedings of the Conference at Yale March 1978. Leiden: Brill, 1980, p. 355-364.
- GORDON, R.L. The sacred geography of a *mihraeum*: the example of Sette Sfere. *Journal of Mithraic Studies*, London, v. 1, n. 2, p. 119-165, 1976.
- GORDON, R.L. Cosmic Order, Nature, and Personal Well-Being in the Roman Cult of Mithras. In: HINTZE, A.; WILLIAMS, A. (Eds.) *Holy Wealth: Accounting for This World and The Next in Religious Belief and Practice: Festschrift for John R. Hinnells*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2017, p. 93-130.
- HENIG, M. *Religion in Roman Britain*. London: Routledge; Taylor & Francis e-Library, 2005.
- HUNTER, F.; HENIG, M.; SAUER, E., GOODER, J. Mithras in Scotland: A Mithraeum at Inveresk (East Lothian). *Britannia*, v. 47, p. 119-168, 2016.
- JOHNSON, A.P. *Religion and identity in Porphyry of Tyre*: the limits of Hellenism in late antiquity. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- MAGLI, G. et al. (Ed.). *Archaeoastronomy in the Roman World*. Cham: Springer International Publishing, 2019.
- MARTIN, L.H. *The mind of Mithraists: historical and cognitive studies in the Roman cult of Mithras*. London; New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2015.
- MONTANARI, F. *The Brill Dictionary of Ancient Greek*. Leiden; Boston: Brill, 2015.
- PANOFSKY, E. *O Significado das Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ROGERS, H. *Writing systems: a linguistic approach*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2005.
- RÜPKE, J. *On Roman religion: lived religion and the individual in ancient Rome*. Ithaca; London: Cornell University Press, 2016.
- TORCHIA, J.N. *Plotinus, Tolma, and the Descent of Being: An Exposition and Analysis*. Paris; Wien: Lang, 1993.
- TURCAN, R. Mithra Saecularis. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, v. 58, n. 1-4, p. 217-223, 2018.
- VERMASEREN, M.J. The miraculous birth of Mithras. *Mnemosyne*, v. 4, n. Fasc. 3/4, p. 285-301, 1951.

WALSH, D. *The cult of Mithras in late antiquity: development, decline, and demise ca. A.D. 270-430.* Leiden; Boston: Brill, 2019.

WEST, M.L. *The Orphic poems.* Oxford; New York: Clarendon Press/Oxford University Press, 1983.